

CULTURA POPULAR

PÉ
NO
CHÃO



COMUNICAÇÃO AO
I ENCONTRO DE ALFABETIZAÇÃO
E CULTURA POPULAR.

- 1- De pé no chão também se aprende a ler
- 2- De pé no chão também se aprende uma profissão
- 3- Democratização da Cultura.

I – CULTURA POPULAR: tentativa de conceituação

O significado do termo Cultura Popular assume para nós forma definida a partir da compreensão mais profunda da situação de dominação externa a que está submetido o Brasil, desde o seu descobrimento, até os dias atuais. Dominação que tem sofrido, historicamente, mudanças que ora explicitam ou atenuam seu caráter, mas que fundamentalmente persiste, envolvendo todo o complexo político-econômico e cultural brasileiro.

Portanto, procuraremos caracterizar de forma sumária a trajetória da dominação a que está submetido o Brasil, suas implicações e manifestações no plano cultura, com a predominância de padrões culturais alienígenas e, finalmente, a consciência dessa dominação por parte do povo brasileiro, a qual se traduz na eclosão dos movimentos de cultura popular.

TRAJETÓRIA DA DOMINAÇÃO: do Brasil Colônia ao Brasil Independente

A descoberta do Brasil pelos portugueses teve um caráter muito mais geográfico do que histórico. Isto porque o tipo de civilização encontrada pelos portugueses, em virtude do seu estágio de cultura primitivo, foi facilmente sufocada pela cultura européia trazida pelos nossos descobridores. Desta forma, estabeleceu-se a primeira relação de dominação cultural. O nativo brasileiro não era um valor que se afirmasse, do ponto de vista histórico e cultural, mas apenas um dado que se sobrepunha à natureza, com ela se confundindo e identificando-se. Passa, então, o Brasil a viver como um apêndice da Europa, dela dependendo econômica e politicamente e de lá importando os seus valores culturais. O Brasil Colônia aliena-se à sua metrópole pelo exterior. A situação colonial é profundamente marcada pela alienação: dependência política e econômica e descaracterização cultural.

A Colônia, tomada em relação à Metrópole, não é história, é geografia. Não é sujeito, mas objeto; não é forma e sim matéria. Foi a partir dessa situação colonial, que influenciou profundamente nosso processo histórico-cultural, e com o encontro verificado entre as culturas nativa, africana e européia, com predominância desta última, que se formou a cultura brasileira. Daí por diante, ela passou a sofrer uma série de influências externas, fruto das dominações exercidas no plano econômico. Desta forma sucedeu-se toda a gama de influências alheias, instalando-se um verdadeiro processo de alienação cultural que a condição de independência trazida com o gesto de D. Pedro I

não foi suficiente para detê-lo. Ao contrário, em alguns aspectos, a situação de dependência externa se acentuou, assumindo formas diferentes, sutis, mas que penetram fundo na alma e no sentimento do povo.

CULTURA BRASILEIRA E PADRÕES CULTURAIS ALIENÍGENAS

A persistência da situação colonial não poderia, nos dias atuais, ter as mesmas características que possuía antes da nossa independência. Tal situação evoluiu dialeticamente com a História, assinalando conquistas gradativas do povo dominado, principalmente dentro do plano econômico (controle da exploração de riquezas naturais, controle da remessa de lucros, etc.). Isto, por outro lado, é contrabalanceado pelas diferentes formas que a dominação externa vai assumindo. Hoje se fala em termos de “alianças”, “cooperação” e “ajuda”, a fim de atenuar a relação de domínio em alguns setores, mas a todo custo procurando mantê-la. Ora, tal situação irá fatalmente refletir-se no plano cultural.

Começa, então, o povo brasileiro a construir um tipo de cultura que não é elaborada aqui e que tem a função precípua de manter o nosso povo preso a um esquema de pensamento e atitudes que devem traduzir-se na aceitação passiva da situação de dominação externa e, mais ainda, no respeito e admiração ao povo dominador. Isto é facilmente perceptível em todos os planos. Os meios de informação – divulgação de notícias e de idéias – as formas de entretenimento e diversão de aparência inofensiva e até mesmo ingênua se articulam, formando a terrível máquina que distorce os fatos e submete o comportamento de grande parcela do povo brasileiro. Passa-se, por conseguinte, à vivência de padrões culturais alienígenas, com a infância e a juventude brasileiras “trabalhadas” para cultivar heróis que não os nossos, conhecendo muito mais, e talvez apenas, a História de um povo estranho e não a sua própria História. Prevalece aquela história preparada para admirar e servir ao povo dominador, que aparece aos olhos dominados como os “supremos defensores dos princípios da Democracia e da Liberdade no mundo Ocidental e Cristão...”.

No plano político, esta compreensão se revela pelo temor, habilmente induzido na consciência do povo, à “ameaça de infiltração de ideologias exóticas”, ameaça da qual precisamos nos proteger através da concessão de favores, no plano econômico, aos “defensores da democracia” que devem levar nossas riquezas, a fim de garantir a nossa segurança e tranquilidade em relação ao tão terrível mal...

Tais manifestações comportariam uma ampla análise que não caberia aqui e são referidas apenas a título de exemplo, para mostrar como funciona o processo de submissão cultural do povo brasileiro. Tal processo utiliza vários meios, principalmente a propaganda que desempenha a espetacular tarefa de padronizar as atitudes e produzir hábitos novos, reflexos condicionados e conceitos estranhos na mentalidade do povo, o qual é submetido com isso a um processo de estúpida massificação. Tão eficiente e sutil é o seu funcionamento, cuidadosamente planejado e dirigido segundo técnicas e leis de psicologia que vão gradativamente impingindo ao povo slogans políticos, idéias, gostos artísticos, hábitos e atitudes, tudo em função do conformismo e da aceitação, da subserviência, enfim.

EMERGÊNCIA DA CULTURA POPULAR

A conscientização da situação de dependência por parte do povo brasileiro trouxe novas perspectivas no sentido de deter a trajetória de dominação. Esta conscientização assume formas mais agudas na medida em que outros povos da América Latina lutam igualmente contra a opressão a que estão submetidos, evidenciando-se a existência de um movimento libertário do qual Cuba é o primeiro país a conseguir êxito deste grande anseio de libertação nacional.

A nossa luta interna de libertação liga-se profundamente à cultura popular, que assume no primeiro momento o sentido de desalienação de nossa cultura, sobrepondo-se aos valores culturais estranhos aos nossos valores que são criados e elaborados aqui. Essa é a tarefa fundamental da cultura popular, a qual consiste em sobrepor a nossa cultura às culturas estrangeiras, sem perder de vista, evidentemente, o sentido do universal, permitindo o processo de aculturação, mas com predominância da cultura brasileira.

Num segundo momento, assume a cultura popular um caráter de luta, para que, ao lado da formação de uma autêntica cultura nacional, promova a integração do homem brasileiro no processo de libertação econômico-social e político-cultural do nosso povo. Cultura Popular que leve o homem a assumir o papel de sujeito da própria criação cultural, fazendo-o não apenas receptor, mas, principalmente, criador de expressões culturais.

A tarefa da Cultura Popular não é exclusivamente um meio político, um trabalho de preparação das massas para a conquista do poder. Estaríamos reduzindo o sentido de libertação humana ao plano político ou econômico. A tomada revolucionária do poder

não extingue a cultura popular, ao contrário, deixa aberto o caminho para uma criação cultural autêntica e livre, ou melhor, popular e nacional.

Há, portanto, um entrelaçamento dialético entre cultura popular e libertação nacional, socialismo e luta anti-imperialista. Por conseguinte, embora pareça em princípio paradoxal, a cultura popular tem papel de instrumento de revolução econômico-social, mas, em última instância, a afirmação e a vitória desta revolução é que irá possibilitar o surgimento das mais autênticas criações populares, livres das alienações que se processam no plano político e econômico. Fica claro, portanto, o mais profundo sentido dialético da revolução popular que não é um fim, mas um meio de conseguir a libertação total do povo, fazendo-o construtor do seu destino e “NENHUM POVO É DONO DO SEU DESTINO SE ANTES NÃO FOR DONO DE SUA CULTURA”.

II. Uma experiência de educação de massas

O analfabetismo é uma das constantes e mesmo uma das características mais marcantes de uma região subdesenvolvida. Conforme verso e reverso da medalha é causa e efeito do subdesenvolvimento, isto é, sendo causa, inicialmente de subdesenvolvimento, o analfabetismo passa a ser efeito também, na medida em que se constitui entrave às mudanças das estruturas sociais em direção ao desenvolvimento. As regiões só atingem o desenvolvimento depois de passarem pelo processo de erradicação do analfabetismo. Assim acontece com os Estados Unidos, a União Soviética, Japão e México.

A PROBLEMÁTICA EM NATAL

Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, não poderia fugir à regra geral. E, aqui se agrava a situação, pois o processo educativo entrará num verdadeiro retrocesso. Vinte anos atrás funcionavam na cidade 11 (onze) grupos escolares, mas, ao ser deflagrado o processo de campanha, estavam reduzidos a 10 (dez). Enquanto isso, a população cresceu multiplicada por quatro, aproximadamente. A educação pública primária passou, assim, por um verdadeiro colapso. A massa de analfabetos cresceu em assustadoras proporções.

O administrador que se propusesse a enfrentar o problema, não encontraria jamais a solução nos moldes acadêmicos. O tempo perdido haveria de ser ganho revolucionariamente. Em outubro de 1960, pela primeira vez na história, o município de Natal elegia o seu prefeito pelo voto popular. E a administração que se iniciava em novembro do mesmo ano trazia matrizes de governo de vanguarda. O prefeito Djalma Maranhão não se mostrava vinculado ao pólo dominante da sociedade, mas guardava raízes e afinidades com as populações suburbanas. Sua campanha política fora feita, reivindicando o voto popular, no sentido de construir uma administração que fizesse da “educação e cultura meta número de um governo”.

Chamado para a Secretaria de Educação o Dr. Moacyr de Góes, juntamente com o prefeito, iniciou bela e dura luta de erradicação do analfabetismo. Assim nasceu a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, trabalho de técnicos, professores, funcionários, estudantes e homens do povo.

CAMPANHA “DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER”

Em 1961, a prefeitura do Natal, com um orçamento de Cr\$ 111.539.000,00 e um déficit de Cr\$ 43.659,00, consignando Cr\$ 3.756.000,00 para a educação, começava a “guerra” ao analfabetismo.

O nome da Campanha nasceria de uma reportagem da imprensa quando o jornalista Expedito Silva, notificando o programa de educação popular que se iniciava em Natal, afirmava que até “de pé no chão se aprende a ler”, querendo dizer que, de agora em diante educação não era mais privilégio de um pequeno grupo. Pois todos teriam acesso à escola, sem fardas, com qualquer roupa e até mesmo sem calçados. Finalmente, a escola não esperava pelo educando, ia a sua procura, onde ele estivesse.

Em seu escopo geral, a Campanha atende à educação de adultos e à educação de crianças. Justificava esta atitude o fato de que o número de crianças em idade escolar existente em Natal é muito maior que o número de adultos analfabetos e, portanto, só conseguiremos fazer a erradicação do analfabetismo se dermos maior importância à alfabetização da criança, sem deixar à margem a alfabetização de adultos, evidentemente.

A alfabetização, constituindo o núcleo de toda uma obra de cultura popular, deve ter como objetivo máximo integrar o educando na sua comunidade, dando-lhe para isto a oportunidade de sentir e viver a cultura de seu povo. Cada escola deverá ter os seus

serviços próprios e outros em cooperação com a comunidade, visando à integração do educando no seu meio. Tal integração deve ter como sentido uma profunda vivência com a problemática da terra, de tal forma que o aluno sinta a realidade regional, estadual e nacional e reflita sobre tais problemas. Os serviços que devem integrar o educando no seu meio devem ser constituídos de clubes folclóricos, danças rítmicas, folguedos, pequenos cursos, cujo conteúdo vise à discussão de problemas brasileiros, além de encontros diversos com a comunidade sobre temas como: saúde e sua relação com problemas sócio-econômicos; causas de analfabetismo no Brasil etc.

A integração da criança ao meio ainda deve ser atingida através do próprio conteúdo de ensino. Dessa forma, é que todo o currículo deve ser desenvolvido, através de grandes temas que procurem dar ao aluno uma visão de conjunto com uma interpretação de suas implicações no setor social. Ao lado da alfabetização, com todos os recursos de que a escola deve lançar mão como uma instituição organizada que tem por fim transmitir a cultura das gerações mais velhas às gerações mais moças, deve vir o ensino profissional possibilitando ao homem meios para sua sobrevivência. Isto ainda deve contribuir para a afirmação do homem como ser humano. A alfabetização deve, portanto, ser o centro e marco inicial de toda obra de cultura popular, uma vez que não se entende qualquer tipo de cultura que não esteja em evolução, em progresso e a alfabetização de um povo é marco inicial para o seu progresso.

FASES DA CAMPANHA

Hoje já podemos distinguir cinco fases realizadas na Campanha e registramos o início de mais duas que começam agora. São as seguintes, vistas a vôo de pássaro:

Primeira fase: Sem dinheiro para a construção de prédios escolares, a prefeitura apelou para a população: onde fosse cedida, gratuitamente, sem cobrança de aluguel, uma sala, aí seria instalada uma “escolinha”. Sindicatos, sociedades beneficentes, sedes de clubes de futebol, igrejas de todos os credos, residências particulares, abriram as suas portas. Nestes lugares, passaram a funcionar escolas, com as precárias instalações que a prefeitura poderia oferecer. Depois de dois anos, já se somam cerca de 271 dessas “escolinhas”.

Segunda fase: o caráter de indeterminação da localização das “escolinhas” e a necessidade de atacar o analfabetismo nos locais mais densamente povoados de analfabetos levou a Prefeitura à fase dos “acompanhamentos escolares”. A

impossibilidade de construção dos clássicos prédios escolares persistia, mas havia a premência de uma concentração de escolas junto aos bairros periféricos da cidade. A solução encontrada foi a construção de Acampamentos Escolares: grandes galpões de 30x8 metros cobertos de palha de coqueiro e chão de barro batido. A construção é autenticamente obra de Cultura Popular, usada pelos pescadores das praias nordestinas, herdeira em linha reta da habitação indígena. Uma curiosidade: os operários da Prefeitura não souberam construir o primeiro Acampamento. Foram chamados os pescadores do “Canto do Mangue”, praia das proximidades, conhecedores da técnica da “virada” e da “armação” da palha.

O primeiro Acampamento marcou o início do trabalho piloto no bairro das Rocas: quatro galpões, com quatro classes cada um e mais um galpão para recreação, reuniões de círculos de pais e professores e sessões festivas. Eles funcionavam em três turnos. Em 1961, foram construídos dois Acampamentos: Rocas e Carrasco. Em 1962, o número cresceu para nove: Rocas, Carrasco, Quintas, Conceição, Granja, Nova Descoberta, Nordeste, Aparecida e Igapó, cobrindo, assim, os limites da cidade.

Terceira fase: A terceira fase foi tentada, a título de experiência, somente no bairro das Rocas. A pesquisa prévia localizou um resíduo de adultos analfabetos que resistiam à Escola. Executou-se, então, um trabalho com professores-voluntários que, indo de casa em casa, de porta em porta, alfabetizavam esses alunos não motivados para a escola. Vinte e dois núcleos prestaram serviços em 1962.

Quarta fase: Saindo do campo propriamente escolar, a Prefeitura, em 1962, procurou alcançar as comunidades dos bairros com um programa de democratização da cultura, através das chamadas Praças de Cultura. Um conjunto de parque infantil, praças de esportes (vôlei, basquete e futebol de salão) e uma biblioteca faz a Praça de Cultura que, em última instância, é complementação das “escolinhas” e dos Acampamentos que se localizam próximos. Em 1962 foram construídas dez praças, das quais duas com bibliotecas em pleno funcionamento. A praça, neste caso, deixa de ser somente um ornamento urbanístico para ser um instrumento de cultura popular.

Quinta fase: Ensino profissional – A Campanha “De pé no chão também se aprende uma profissão” deflagrada em primeiro de Fevereiro deste ano. Ensinar que um B com A faz B-A Bá não basta. Completando a outra campanha, a “De pé no chão também se aprende uma profissão”, pretende dar ao homem alfabetizado, através de

cursos de aprendizes, os instrumentos profissionais para um nordeste que vai amanhecendo para a industrialização.

Esta campanha iniciou-se em 11 de fevereiro deste ano, com atividades voltadas a 8 (oito) cursos de aprendizes. Nesta data, já são 17 (dezessete) o total de cursos em funcionamento, divididos em 3 (três) turnos e distribuídos nos Acampamentos especificados:

Rocas : Corte e costura, alfaiataria, marcenaria, sapataria, telegrafia, elementos de eletricidade, barbearia, bordado à mão.

Carrasco: Barbearia, corte de cabelo (feminino), enfermagem de urgência, datilografia, taquigrafia, encadernação e corte e costura.

Nova Descoberta : Artesanato, bordado à máquina, cerâmica e bordado à mão.

Nordeste : corte e costura

Quintas : Em fase de instalação

Deve-se ressaltar o interesse despertado pela Campanha na população dos bairros, desde a criança até o adulto, de ambos os sexos. Isto pode ser verificado no número de matrículas nos diversos cursos, que já se elevam para 700 (setecentos) aprendizes, com uma freqüência e rendimento que nos deixam plenamente satisfeitos. Este número não corresponde à vontade daqueles que nos procuram, pois, em virtude dos mínimos recursos que ainda dispomos para o atendimento das necessidades, não podemos atendê-los.

Em agosto último já diplomamos a primeira turma, composta de 148 aprendizes pertencentes aos cursos: corte e costura, enfermagem de urgência, sapataria, marcenaria, barbearia, datilografia, artesanato e encadernação. Em novembro próximo, serão entregues novos certificados a mais uma turma de aprendizes. É desejo da edilidade ampliar o plano dessa nova experiência de ensino, distribuindo os cursos por todos os Acampamentos instalados nos bairros mais desassistidos.

Sexta fase: Criação do Centro de Formação de Professores da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Já em funcionamento desde dezembro do ano passado, ela revela os seguintes objetivos:

1. Formar professores para atender às necessidades da Campanha, através de 3 tipos de cursos:
 - a) Emergência :(preparação em curto prazo) com 3 ou 4 meses de treinamento;

- b) Ginásio Normal (preparação em longo prazo) com 4 anos de escolaridade após a conclusão do primário;
 - c) Colégio Normal (preparação em longo prazo) com 3 anos de escolaridade após a conclusão do curso médio de primeiro ciclo.
2. Fazer a coordenação técnico-pedagógica da Campanha
 3. Manter uma escola de demonstração (primário), que sirva de laboratório à Campanha.

Sétima fase: Com a notícia da Campanha extrapolando os limites da Capital, várias Prefeituras Municipais do Rio Grande do Norte nos solicitaram a concessão de bolsas de estudo para professores primários municipais, no Centro de Formação de Professores. Logo em seguida, passamos à fase de assinatura de convênios com as edilidades interioranas para que, além das bolsas de estudo, a Campanha possa oferecer assistência pedagógica sistemática. Periodicamente (de 15 em 15 dias) um grupo de orientadoras pedagógicas vai até cada cidade onde supervisiona classes, reúne-se com professores e apresenta sugestões para uma programação quinzenal.

Dentre os municípios assistidos pela Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, encontram-se as de São Tomé, São Paulo, Potengi, Afonso Bezerra, Macau (sindicatos), Açu, Currais Novos e São Gonçalo, até o momento.

Oitava fase: Uma escola por semana. A etapa seguinte da Prefeitura de Natal, em conjunto com seu programa de democratização do ensino, consta da ampliação da rede escolar municipal, com a construção em estrutura metálica de uma escola por semana, em convênio com o Ministério da Educação, através do Ministro Paulo de Tarso. Durante o mês de Agosto, a Prefeitura inaugurou 3 escolas. No mês de Setembro, foram 2 escolas. A partir da segunda quinzena de setembro até o mês de dezembro, serão inauguradas outras 14 escolas.

COORDENAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA DA CAMPANHA

Com a criação do Centro de Formação de Professores, conseguiu-se a sistematização da campanha do ponto de vista técnico-pedagógico. Assim, dispomos de uma equipe constituída por 32 orientadoras pedagógicas, todas tituladas pela Escola Normal de Natal e muitas delas de nível universitário.

1. Técnicas de supervisão

1.1 Encontro de orientadoras

Semanalmente, todas as orientadoras e diretores de Acampamentos reúnem-se no Centro, a fim de planejarem e discutirem suas atividades. Estas reuniões são feitas às sextas-feiras, durante o dia todo. Pela manhã, há reunião dos grupos. Esses grupos apresentam sugestões, debatendo sobre elas. À tarde, há uma reunião geral com todos os grupos. Nesta reunião, os grupos que trabalham, separadamente, apresentarão as atividades, planejadas e discutidas, à diretora Pedagógica do Centro, a fim de serem submetidas à apreciação. Também, semanalmente, há um encontro entre professores dos Acampamentos, com as orientadoras. É nesta reunião que as orientadoras apresentam às professoras as atividades planejadas por elas, para que elas se adaptem ao nível das diversas turmas.

1.2 Visitas

Diariamente, a orientadora pedagógica visita as escolinhas domiciliares, a fim de verificar se as professoras estão desenvolvendo, normalmente, o plano da semana e qual é o rendimento da classe. Quando se trata de Acampamento, ela passa o dia orientando, com o próprio Acampamento, assistindo às aulas, observando o andamento das turmas e corrigindo as falhas, caso se apresentem.

1.3 Indicações Bibliográficas

Em cada Acampamento existe uma biblioteca à disposição dos alunos e dos professores. As orientadoras organizam listas de livros, relacionados com o plano que está sendo desenvolvido pelas professoras, a fim de que elas os consultem, facilitando assim seus trabalhos e pesquisas.

1.4 Sugestões por escrito

Quinzenalmente, o centro expede uma lista variada de sugestões pedagógicas para toda a Campanha, acompanhada de um plano, composto de um suplemento e das atividades a serem desenvolvidas. Estas sugestões são preparadas no Centro por uma equipe de planejamento e mimeografadas.

1.5 Cursos de emergência

O centro já realizou 2 cursos de emergência, os quais obtiveram pleno êxito. O primeiro curso diplomou 481 candidatos, sendo 28 do interior do Estado. Todos os candidatos diplomados pelo curso de emergência foram incluídos na campanha para lecionar nos Acampamentos e nas escolas domiciliares. No segundo curso, foram diplomados 124 candidatos sendo 18 do interior do Estado. Todos estes candidatos do

interior foram indicados pelos prefeitos e estão ensinando por conta das respectivas prefeituras.

2. Atividades extra-classe (co-curriculares)

O centro vem desenvolvendo, desde sua criação até a data atual, uma série de atividades extra-classe:

2.1 Congresso de cultura popular

O Centro de Formação de Professores realizou, entre os dias 21 de abril e 1º de maio de 1963, o I Congresso de Cultura Popular com a participação de delegações de outros Estados da Federação, como Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Sul. O evento apresentou a seguinte programação:

Dia 21 de abril: Instalação do Congresso e inauguração do Fórum de Djalma Maranhão – 17:30h. – 21:00h. – teatro Alberto Maranhão – Peça de teatro – O processo de Tiradentes em nosso tempo – júri sob a responsabilidade do Centro de Cultura Popular de Natal.

Dia 22 de abril: Dia da educação – programações sobre a educação popular, através da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Lançamento do livro de literatura para adultos *De pé no chão*.

Dia 23 de abril: 17:00h, Galeria de arte – Exposição do pintor Raul Córdula da Paraíba.

Dia 24 de abril: 20:00h, Fórum de debates – palestra do crítico Luís Costa Lima, sobre o tema “Cultura e alimentação”.

Dia 25 de abril: 20:00h, Fórum de debates – palestra do crítico cinematográfico – Willes Leal, da Paraíba.

Dia 26 de abril: lançamento do segundo volume de “Viola e desafio”.

Dia 27 de abril: Exposição, na galeria de arte, de artesanato e arte popular. – 20:00h. Palestra de Newton Navarro, sobre “Arte popular”.

Dia 28 de abril: Inauguração do teatrinho do povo, no bairro do Alecrim com a encenação da peça “Pedro Mico” e exibição de Jograis da universidade da Paraíba.

Dia 28 de abril : 16:00h. Conferência da professora Edna Lott.

Dia 29 de abril: Galeria de arte – Lançamento dos Cadernos do povo brasileiro pelo editor Ênio Silveira – 20:00h. Debate com Ênio Silveira sobre “O problema do livro”.

Dia 30 de abril: lançamento, na galeria de arte, do disco da UNE *O povo canta* – Debate sobre “Reforma Agrária”.

Dia 1º de maio: Exibição de documentários: Aruanda e Cajueiro Nordestino, por Linduarte. – 16:00h. Concentração operário-estudantil-camponesa. – Coro falado: “Poemas para liberdade”.

Objetivos deste congresso: Difusão da cultura, politização popular.

2.2 Estudos de problemas da escola primária

Os cursos de formação de professores do centro de formação de professores da campanha tiveram oportunidade de participar, contando com a colaboração de alunos da Escola Normal de Natal, de uma semana de estudos sobre a Escola Primária, realizada nos dias 10, 11, 12 e 13 de Agosto passado e constou do seguinte temário:

2.2.1 O ensino primário em Natal:

- a) As escolas: número de escolas da cidade.
- b) Método utilizado. Problemas de disciplina.

2.2.2 A situação do professor em Natal:

- a) Condições técnicas de trabalho.
- b) Cursos de formação e aperfeiçoamento.

2.2.3 O aluno na escola atual:

- a) Situação do aluno: econômica e social.
- b) Relacionamento do aluno com o professor.

2.2.4 Alfabetização de adultos

- a) Necessidade e importância.
- b) Problema do analfabetismo: conseqüências.

2.3 Semana de Saúde

Realizamos nos dias 26, 27, 28, 29 e 30 de Agosto passado, uma semana de saúde para as famílias dos alunos da comunidade em geral, em colaboração com a Universidade do Rio Grande do Norte. A semana constou de 5 palestras sobre saúde, que visaram a despertar o interesse da comunidade no que se refere aos cuidados

necessários à conservação da higiene pessoal e do lar. As palestras envolveram os seguintes temas:

“Doença e desenvolvimento” – “Odontologia Sanitária” – “Alimentação” – “Principais endemias locais: combate a profilaxia” – “Proteção a maternidade e à infância”.

Além da Universidade do R. G. do Norte, contou a semana de saúde com a colaboração das Instituições: S.E.S.P., D.N.E.Ru., C.I.A.T.

3. Avaliação do Rendimento Escolar

A avaliação do rendimento escolar é feita através da aplicação de testes elaborados pela equipe de orientação pedagógica e aplicados duas vezes ao ano.

Essas avaliações têm a coordenação geral do centro. Após o final das aplicações, cada orientadora apresenta uma tabulação dos resultados alcançados e o setor de pesquisas e medidas organiza uma tabulação geral, bem como as representações gráficas correspondentes.

Além dos testes que se destinam mais à avaliação dos conhecimentos, há uma avaliação em termos qualitativos que se destina a medir atitudes, idéias, formação de hábitos e habilidades.

Faz parte ainda da avaliação a aplicação mensal de testes e trabalhos organizados pelas próprias professoras de classes sob a supervisão das orientadoras.

O aproveitamento demonstrado pelos testes aplicados em dezembro de 1962 e julho de 1963 foi de respectivamente 74 e 85%.

4. Promoção Escolar

A promoção escolar não constitui problema, porquanto ela é feita tendo em vista as capacidades e limitações dos alunos. Assim, durante o ano, pode haver tantas promoções quanta forem necessárias de acordo com o aproveitamento dos alunos.

A preocupação maior é no sentido de acompanhar o aluno e assisti-lo ao máximo, de tal forma que ele apresente um rendimento escolar tão alto, quanto ele seja capaz.

5. Serviços de Atividades Complementares

O difícil para a campanha não é abrir escolas, pois, com o “déficit” escolar existe onde se instalar uma sala de aula para os alunos. O difícil é promover a

assistência permanente; exigir uma qualidade de ensino cada vez melhor, apesar do pessoal leigo na regência das classes; abastecer de material Acampamentos e “escolinhas”, uma vez que o livro, o caderno, o lápis, são distribuídos gratuitamente, pois, a população que frequenta a campanha não dispõe de recursos para adquirir os seus instrumentos de estudo. Assim, atividades complementares assumem importante papel, como:

5.1 A pesquisa – O serviço de pesquisa centraliza o seu trabalho no estudo de evasão escolar e no estudo da avaliação do rendimento. Assim há uma equipe que faz visitas aos lares, procurando as causas da evasão escolar e procurando contê-la.

5.2 Círculos de pais e professores – Estudando o problema educativo através do binômio Escola-família, os círculos têm ajudado na promoção da integração da Campanha na comunidade. Em 1963 os círculos se pararam para ser um instrumento de politização – nova meta a ser alcançada.

5.3 Recreação intensiva – Além da recreação própria, os Acampamentos possuem parques infantis e regentes de classes que se especializaram em recreação. A recreação orientada tem sido um fator de neutralização da comum evasão escolar.

5.4 Merenda escolar – É outro fator que combate a evasão escolar. A merenda, diante da pobreza das áreas onde atua a campanha, tem assumindo cada vez mais o papel de forte motivação escolar. Muitas vezes a merenda escolar é a primeira refeição do educando. Esta merenda se enriquece na medida em que os alunos trabalham mais nos aviários e hortas.

5.5 Educação para a produtividade: Aviário e hortas – Os Acampamentos estão aparelhados de hortas e já contam com três aviários. A produção deles é consumida pelos alunos na merenda diária – o que é um estímulo para o cuidado maior com as hortaliças e as aves. A campanha desperta o educando para a produtividade, demonstrando que as comunidades precisam se organizar na luta contra o pauperismo e a alienação da realidade. A educação simplesmente livresca já tem o seu atestado de óbito passado.

5.6 Bibliotecas rotativas – Além dos postos de empréstimos ou bibliotecas populares, que funcionam nas praças de cultura, cada Acampamento dispõe de uma biblioteca. Estas últimas funcionam em sistemas de caixas rotativas que demoram cerca de um mês em cada Acampamento escolar, quando, então, se promove o rodízio. Cada caixa dispõe de cem livros, e, não havendo repetição de títulos de volumes de uma caixa para a outra, na conclusão do rodízio das nove caixas, cada Acampamento terá ganhado uma biblioteca de novecentos livros. Cada caixa de biblioteca contém livros pedagógicos para formação em magistério, obras didáticas e de literatura infanto-juvenil e de adultos. (Ver estatística em anexo)

5.7 Círculos de leitura – Sob a supervisão da diretora do Acampamento, que é a orientadora pedagógica, as regentes de classes organizam círculos de leitura, à base das obras pedagógicas para formação de magistério, quando procuram aperfeiçoar os seus conhecimentos. Na maioria dos Acampamentos escolares estes círculos de leitura se reúnem semanalmente.

Também nas classes, os livros da biblioteca são utilizados para leituras em comum e interpretações de suas histórias infanto-juvenis.

5.8 Teatrinho João Redondo – O setor de recreação tem usado com êxito o teatrinho de fantoches, nas festas escolares e nos círculos de pais e professores. A campanha, na busca de sua autenticidade cultural, usa o nome do Teatrinho João Redondo, denominação popular do Rio Grande do Norte para este tipo de representação artística.

5.9 Programa de rádio – Complementando o trabalho local que se faz em cada comunidade, a campanha atinge todo o estado através de programa de rádio levando diariamente ao ar de 11:30 às 12:00 horas, pelas rádios Nordeste e Brejuí.

O programa é de caráter sócio-cultural-educativo, dirigido a um público infantil, mas, com o objetivo de atingir o adulto. Consta das seguintes partes: 1) apresentação, de forma dramatizada, de histórias infantis e esquetes sobre assuntos e problemas brasileiros, da compreensão infantil, seguida de um debate ou análise do assunto apresentado na história ou esquete. Esta análise ou reflexão dirige-se mais ao adulto. Nesta primeira parte, trabalham três personagens populares, constantes – a figura de um vovô (vovô Patrício), de uma criança (Chiquinho) e da mãe de Chiquinho (D. Suzana)

A segunda parte é mais recreativa e variada, focalizando os seguintes temas: música infantil, divulgação da música popular brasileira, temas educativos de ordem psico-pedagógicas, (p. ex: crianças problema, educação doméstica, relação entre a escola e o lar, folclore, histórico e curiosidades dos municípios do R. G. do Norte etc.)

A terceira parte consta de um noticiário rápido sobre atividades de prefeitura e divulgação de informações de campanha.

O programa esta a disposição da campanha, fugindo, às vezes, de sua programação rotineira, toda vez que há um empreendimento do setor cultural, visando atingir o maior número possível de participantes, como também, o horário do programa está à disposição de quaisquer outros movimentos de caráter popular que haja na cidade.

5.10 Cartilha para adultos

A campanha “De pé no chão também se aprende a ler” organizou o horário noturno dos Acampamentos para a alfabetização de adolescentes que estão ocupados durante o dia e, principalmente para adultos.

Atualmente, estão matriculados 3.000 adultos. A grande maioria é constituída de pais de crianças que estudam no mesmo Acampamento nos horários matutino e vespertino.

Ao lado da alfabetização simples, isto é, o ensino de técnicas de ler, escrever e contar, está a preocupação por uma conscientização e politização dos adultos.

Considerando a grande lacuna que os nossos livros didáticos de alfabetização de adultos apresentam neste aspecto, a campanha elaborou um “Livro de leitura para adultos” – numa adaptação do *Livro de leitura para adultos* do MCP do Recife, às condições locais. O conteúdo desta cartilha nos permite elaborar planos de aula que levarão os adultos, ao lado da alfabetização, a tomar consciência da realidade brasileira.

5.11 Cursos para a realidade brasileira

Para que o corpo docente possua um mínimo de condições para alfabetizar os adultos, promovendo a politização, realizam-se, nos cursos de emergência para formação de professores, cursos intensivos sobre problemas brasileiros e discussões sobre o conteúdo e aplicação da cartilha.

O temário desses cursos consta dos seguintes assuntos: Processo espoliativo do imperialismo; Cultura brasileira e alimentação; Cultura popular; Análise e crítica da

constituição brasileira; Realidade brasileira – reformas de base; Aspectos da economia brasileira; O professor primário em face da realidade brasileira – análise da cartilha.

5.12 Universidade ao povo

A prefeitura do Natal visando a ampliação do seu programa de alfabetização, educação e promoção do povo nas comunidades mais desamparadas do seu município através da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, solicitou a colaboração da universidade em programas assistenciais e educativos da referida campanha.

Dentro das pretensões da prefeitura e das possibilidades da universidade estão sendo realizados os seguintes serviços:

Faculdade de Farmácia: Exames de fezes para tratamento de verminose.

Faculdade de Odontologia: Levantamento dentário dos alunos e tratamento preventivo de aplicação de flúor.

Faculdade de Medicina: Participação de professores e alunos através de palestras em programas educativos promovidos pelo centro de formação de professores.

Através de contatos com as demais unidades da Universidade está sendo organizado um programa de ação para execução imediata.

6. O Crescimento em Matrículas

O crescimento da matrícula vem sendo feito ritmo pouco comum. Em fevereiro de 1961, os educandos alcançavam pouco mais de 2.000 (dois mil), para, em dezembro do mesmo ano, fechar a casa dos 8.000 (oito mil), e em 1962 chegar a 15.000 (quinze mil) alunos. Em 1963 a matrícula supera os quinze mil.

7. Cálculo de Custos

Alinhamos, em seguida, alguns cálculos de custo e de funcionamento dos Acampamentos escolares:

Demonstrativo nº 1

Descriminação dos itens relativos à construção de;

- um galpão:

| | |
|--|---------------|
| 2.000 palhas de coqueiro para cobertura a Cr.\$5 mil | Cr\$10.000,00 |
| 20 quilos de prego a C\$ 240,00 | 4.800,00 |

| | |
|-----------------------------|---------------|
| . Madeirame | 53.700,00 |
| . Piso de barro batido | 5.000,00 |
| . Mão de obra de construção | 21.5000,00 |
| Custo total | Cr\$95.000,00 |

- uma sala de aula

Um galpão tem quatro salas. Preço de construção de uma sala de aula: Cr\$23.750,00.

Demonstrativo nº 2

Descriminação dos itens relativos às instalações necessárias ao funcionamento de um galpão:

| | | |
|------------------------------------|---------------|----------------------|
| 60 carteiras | a C\$1.800,00 | C\$108.000,00 |
| 4 tamboretas | 210,00 | 840,00 |
| 4 mesinhas | 1.400,00 | 5.600,00 |
| 4 quadros–negros | 900,00 | 3.600,00 |
| 4 quadros–murais | 1.300,00 | 5.200,00 |
| 4 filtros | 800,00 | 3.200,00 |
| 4 apagadores | 60,00 | 240,00 |
| Instalações elétricas | * | 14.500,00 |
| CUSTO TOTAL DAS INSTALAÇÕES | | Cr\$141.180,0 |

- uma sala de aula

Um galpão tem quatro salas. Preço das instalações de uma sala Cr\$35.295,00.

Demonstrativo nº 3

Despesas relativas ao funcionamento de um galpão durante o ano letivo:

PESSOAL:

| | |
|---|----------------|
| Grupo de Trabalho de Educação Popular | Cr\$187.800,00 |
| 12 professores percebendo a gratificação mensal de Cr\$2.000,00 cada / 12 meses | Cr\$288.000,00 |

MANUTENÇÃO:

| | |
|--|----------------|
| Material escolar: lápis, cadernos, livros, giz e mapas | 40.000,00 |
| Água, energia elétrica e carvão | 20.000,00 |
| TOTAL | Cr\$535.800,00 |

- Uma sala de aula

Funcionam no galpão 12 classes durante o ano. Custo do funcionamento de uma classe por ano letivo: Cr\$44.650,00.

- Um aluno

Cada classe tem 30 alunos. Custo de cada aluno durante o ano letivo: Cr\$1.488,00.

Obs: Estes preços correspondem aos custos vigentes em janeiro de 1962.

De pé no chão é experiência

A Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” ainda é experiência. Com a responsabilidade e com a humildade que cabem aos educadores, assim vemos a revolução que está sendo levada a efeito em Natal, no campo da educação popular. O que afirmamos, no entanto, é que está aberta uma nova perspectiva para qualquer região subdesenvolvida responder ao desafio do analfabetismo.

Estes são os limites de uma notícia, de uma comunicação da experiência que o Governo da Prefeitura de Natal e o povo fazem no campo da Educação Popular. Outras oportunidades haverá para uma discussão em profundidade, do estudo de suas implicações. Agora finalizamos com o pensamento voltado para a *Oração da Mestre*, de Gabriela Mistral, pois haveremos de “fazer de espírito” mais do que a nossa escola de tijolos... a nossa escola de palha!

Um esforço de democratização da cultura

No esforço de trazer bem viva a cultura popular em Natal e completando as atividades da campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, existe a diretoria de documentação e cultura. Esse órgão está diretamente subordinado a secretaria de educação da prefeitura municipal do Natal.

Com pequenos recursos de que dispõe uma prefeitura pobre do nordeste, o esforço tem que ser realmente grande para ajudar no processo de desalienação de nossa

cultura. Desalienação sim, pois vivemos sob a tutela de uma cultura de dominação, na qual o Homem é influenciado por hábitos, formas de pensar etc. de um mundo que não é o seu. Somente vivendo um processo de tentativa de revitalização de nossa cultura poderemos saber das barreiras encontradas, pois os instrumentos que a classe dominante usa para massificação de nosso povo estão em ação constante.

Assim a diretoria de documentação e cultura vem desenvolvendo um trabalho de divulgação e revitalização de nosso folclore e folguedos populares; democratização de nossa cultura através da galeria de arte, museu de arte popular, bibliotecas populares, praças de cultura, apresentações teatrais, etc.

A seguir apresentamos em detalhes as promoções citadas.

Folclore

A Prefeitura Municipal de Natal vem procurando, na medida de suas possibilidades, incentivar a todas as manifestações tradicionais da vida popular da cidade, para desta maneira, defender as origens culturais do povo.

Tem sido do programa da atual administração preservar, quando não revalidar, os autos populares e folguedos tradicionais da Capital do Estado.

Assim, durante os dois períodos de administração de Djalma Maranhão, foram promovidas 5 Jornadas de Folclore, em datas que correspondem ao ciclo natalino.

Todas as Jornadas de Folclore contaram com a presença de folcloristas de renome nacional: Gustavo Barroso, Jorge Amado, Edson Carneiro, Umberto Peregrino, Antônio Vilela, Valdemar Cavalcanti, Enio Silveira, Luiza Barreto Leite, Miercio Tati, Hildegarde Viana, Eduardo Portela, Barbosa Lessa, Bruno de Menezes, Théo Brandão, Carlos Galvão Krebs, Domingos Vieira Filho, Nunes Pereira, João Climaco Bezerra, Mozart Soriano, Ascenço Ferreira, Rômulo Argentiére, Fagundes de Menezes e ainda exposições públicas de folguedos tradicionais da região, mesas-redondas para debates de assuntos folclóricos e vasto programa turístico – social.

A Prefeitura, através da sua DDC, conta com a participação de 18 conjuntos folclóricos:

4 conjuntos “Boi Calemba”

4 conjuntos “Bambelô”

2 conjuntos “Os congos”

3 conjuntos “Danças Antigas” (Araruna, Camaleão, Coã)

1 conjunto “Chegança”

1 conjunto “Fandango”

1 conjunto “Lapinha”

2 conjuntos “Pastoril”

Estes conjuntos recebem apoio e ajuda financeira da municipalidade num esforço permanente de manter e divulgar as riquezas culturais do Rio Grande do Norte, infelizmente, até hoje, pouco conhecidas no resto do Brasil.

Podemos registrar com satisfação que apesar das dificuldades econômicas, a Prefeitura já se faz representar através do seu folclore em 4 festas de outros Estados: duas vezes na cidade do Recife, uma no Rio Grande do Sul e outra em Brasília, onde os conjuntos apresentados obtiveram o maior sucesso.

Festas Tradicionais

Prestigiando as tradições mais verdadeiras do povo, o prefeito Djalma Maranhão tem participado de todas as festas populares. Assim é que durante os ciclos natalinos, junino, festa dos reis magos, a prefeitura faz armar palanques no centro e nos bairros da cidade, para exibições de conjuntos folclóricos e ornamentam-se as ruas com alegoria próprias, dando à cidade o caráter festivo onde o povo se diverte com as suas danças e os seus cantos.

Bibliotecas Populares

No plano de democratização da cultura, duas metas preocuparam, a princípio, a atual administração: o livro e a cultura. Num país onde as disponibilidades para aquisição de livros são difíceis, a expansão da leitura através de bibliotecas públicas é uma medida de largo alcance.

Natal, cidade que conta hoje com quase 200 mil habitantes, não possui uma biblioteca pública. Tendo em vista esta deficiência, a Prefeitura de Natal, através da DDC de sua Secretaria de Educação, instituiu um plano de instalação de bibliotecas populares em todos os bairros da Capital. Assim é que nos meses de maio e junho de 1962 foram instalados dois “Postos de Empréstimos”, localizados nos bairros de Rocas e Quintas – bairros autenticamente populares.

Funcionando somente em dois horários (15:00h, às 18:00h e 19:00h às 21:00h horas), estes Postos, que são barracas de madeira e contam com um acervo de 2.000 livros cada, apresentaram um movimento plenamente satisfatório. O posto do bairro das Rocas denominado “Posto de Empréstimo Monteiro Lobato” registrou, desde sua

fundação até agora, uma média de 2.675 empréstimos por mês, totalizando até agosto 47.450 volumes circulados com 1981 leitores registrados. O das Quintas, denominado “Posto de Empréstimo Castro Alves”, ativo há 14 meses, conta com um empréstimo de 23.002 livros, numa média de 1443 empréstimos por mês e com 1804 leitores registrados. O acervo é de conformidade com o interesse dos leitores, fazendo-se o possível para despertar-lhes o gosto da boa leitura e incentivando-os através de concursos, fixação de murais com notícias diárias dos jornais e sempre que possível, facultando-lhe as últimas edições de livros devidamente escolhidos.

Em julho de 1962, foram instituídas bibliotecas rotativas, que constam de uma cifra de ação com capacidade para 100 volumes aproximadamente, constando principalmente livros de orientação pedagógica e livros infantis para círculos de leitura com os alunos. Servem principalmente às professoras. Em número de nove (09) essas caixas fazem rodízio de 30 em 30 dias entre os Acampamentos da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”.

Assim, durante o ano letivo passam por cada Acampamento cerca de 900 livros. Essas pequenas bibliotecas apresentam uma média de 665 empréstimos mensais.

Com a criação do Centro de formação de Professores da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, organizou-se ali uma biblioteca. De dezembro de 1962 a agosto do corrente ano circularam 5625 livros, numa média mensal de 625 volumes.

Para o atendimento real do programa de democratização da cultura, a Prefeitura Municipal de Natal dentro de suas disponibilidades financeiras procura ampliar o seu plano bibliotecário, instalando novos “Projetos de Empréstimos” e criando a Biblioteca Pública Central com maior acervo.

Em face da constante necessidade de ampliação do plano a executar motivado pela dificuldade financeira da Prefeitura foi solicitado ao Exmo. Sr. Ministro de Educação Dr. Paulo de Tarso, doação de livros através do Instituto Nacional do livro, doação esta que se espera receber no corrente ano.

A atual administração leva sua contribuição a um povo que tem sede de conhecimentos, sede de verdade. O processo da emancipação cultural do povo brasileiro faz-se necessário o mais rápido possível, pois “nenhum povo é dono de seu destino se antes não é dono de sua cultura”.

Praças de Cultura

Uma das promoções no plano cultural de maior importância promovida pela atual administração do município é a realização das Praças de Cultura, nas quais ocorre feira de livros, de discos, artes plásticas, popular etc. Sua importância é tanto maior quanto se sabe da necessidade de levar ao povo os livros, as diversas manifestações de arte e o contato direto de escritor com os leitores.

Apesar dos poucos recursos financeiros, a Prefeitura de Natal faz instalar no centro da cidade com barracas de madeira, palanque, *stands* e ornamentação própria da Praça de Cultura. Em colaboração com as livrarias da cidade, artistas e intelectuais, o povo participou durante oito dias de uma feira de livros, discos, exposições de artes plásticas e popular, lançamentos de livros com a presença de escritores, exposições de conjuntos folclóricos, coro falado, trazendo ao público a mais nova fase da poesia brasileira, retretas e audições de música popular. Procura-se assim despertar de maneira mais prática e mais atuante o interesse pela leitura e a conscientização do povo pela sua própria cultura.

Publicações

Com parte do programa de divulgação da nossa cultura e contando com a participação de poetas foram publicados dois cadernos de poesia participante, em edições tipo literatura de cordel, viola de desafio I e II, com lançamentos feitos na I praça de cultura do Natal e I congresso de cultura popular.

Foram publicadas duas plaquetas respectivamente de autoria do folclorista Veríssimo de Melo, estudo sobre o escultor popular Chico Santeiro e do prefeito Djalma Maranhão fundamentada em um discurso pronunciado quando deputado na câmara federal sobre o mestre do folclore brasileiro Luis da Câmara Cascudo.

Galeria de Arte

Construída na atual administração do Prefeito Djalma Maranhão e inaugurada nos primeiros dias de março do corrente ano, com uma mostra do pintor Francisco Brennand, a Galeria de Arte, desde então, vem cumprido um programa de melhor nível artístico e cultural da cidade.

Seu amplo e moderno salão aberto ao público natalense, todos os dias, tem oferecido promoções tais como mostras de arte popular, fotografia, pintura, desenho,

cerâmica etc., sob a responsabilidade de artistas que honram o panorama do nordeste e do Brasil.

Enquadra-se mais esta iniciativa cultural do governo do município no vitorioso plano de trabalho em prol da democratização da cultura onde procura reunir povo e intelectuais e assegurar a autenticidade de expressão dos seus artistas populares.

A Cidade tem sabido reconhecer o que representa para a comunidade uma Galeria de Arte, assim todas as promoções têm recebido a compreensão exata do valor e dos fins a que ela se destina. A cultura já não se mostra mais uma coisa difusa e de privilegiados. Vai ao encontro de todos nos vários setores de suas atividades. Vai encontrar o homem no seu campo de trabalho, na sua oficina, na sua fábrica, na sua forja, nos duros e variados ofícios onde exerce com nobreza a sua profissão. Começa nos Acampamentos de palha e de barro da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e já agora no mais arrojado plano de escolas pré-fabricadas – construindo uma por semana.

A Galeria de Arte, com seus artistas do povo e artistas eruditos, unidos num mesmo vínculo de sentimento, filia-se à obra significativamente humana e patriótica de um governo identificado com os anseios populares. Suas portas abertas ao Povo mostram, no talento e na inspiração dos nossos expositores, a mensagem viva e atual da inteligência brasileira.

Nos seis primeiros meses de atividades a Galeria de Arte apresentou, além de vários lançamentos de livros, o seguinte programa de exposições:

- Exposição do pintor Francisco Brennand
- Meninos do Recife – Desenhos do pintor Abelardo da Hora
- Exposição de pintura de Iaponi Araújo
- Miserere – Promoção da DDC, durante a Semana Santa. A mostra reunia reproduções de quadros célebres, todos inspirados na Paixão de Cristo e tinha um roteiro de legendas de Paul Claudel
- Mostra de Artistas Paraibanos
- Exposição de Arte Popular, pela DDC, a cargo do pintor Newton Navarro.
- Exposição de pintura de padre Eládio Monteiro
- Exposição de pintura de Tarcísio Mota
- Salão de jovens pintores do Instituto de Educação, organizado pelo Diretório Estudantil “Celestino Pimentel”
- Motivos de São João (arte popular)

- Desenhos e gravuras de Percy Lau
- Exposição de cerâmica a cargo da Profª Lourdes Guilherme
- Exposição de foto-jornalismo da Última Hora
- Exposição de trabalhos de Campanha “De pé no chão também se aprende uma profissão”
- Exposição fotográfica de Brasília.

Museu de Arte Popular “Câmara Cascudo”

Ainda como parte do plano de democratização da cultura e valorização da nossa arte popular, a Prefeitura de Natal prestigiou o mais possível o Museu de Arte Popular Câmara Cascudo.

Criado em abril de 1957 e inaugurado em 30 de maio do mesmo ano, primeira fase administrativa do Prefeito Djalma Maranhão.

Conforme relatório apresentado pela srta. Zila Mamede, então Diretora da DDC, datado de 15 de março de 1961, possuía o museu 32 (trinta e duas) peças incluindo 24 (vinte e quatro) do escultor popular Chico Santerio.

Preocupando-se com a preservação de todas as manifestações de arte e sua divulgação, o governo do município através da D.D.C. da sua secretaria de educação voltou a adquirir peças dos nossos artistas populares, contando atualmente com um acervo de mais de 600 (seiscentos) peças.

Tem promovido exposições em praça pública e mantém na galeria de arte um acervo permanente de trabalhos de real valor.

Com a construção do prédio próprio e instalações adequadas para a montagem do museu, espera a DDC concluir o plano que lhe foi confiado dentro da campanha de valorização e divulgação da nossa cultura popular e entregando à visitação pública, a partir de dezembro próximo, o museu de arte popular.

Teatrinho do Povo

O teatrinho do povo foi instalado pela atual administração municipal no bairro Alecrim, um dos mais populosos da cidade, dentro do mesmo plano de valorização cultural e com a finalidade principal de levar ao povo a diversão pela arte.

Com lotação para 200 cadeiras, foi inaugurado em 26 de abril do corrente ano, com a peça de Antônio Calado, *Pedro Mico*, encenada por um grupo de universitários.

Desde então tem se apresentado ao público espetáculos diversos, principalmente de peças de autores regionais, coro falado, conjuntos folclóricos, etc.

Em cinco meses de funcionamento já apresentou 21 espetáculos, com boa assistência e melhor receptividade.